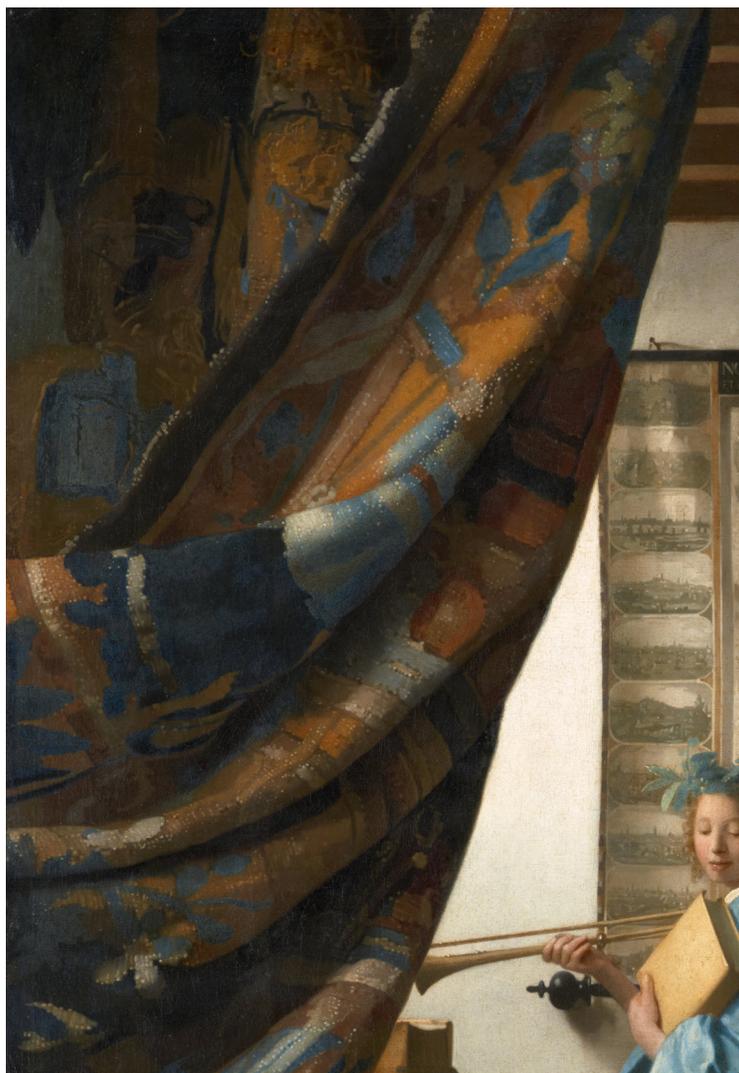


Cadernos Espinosanos



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 42 jan-jun 2020 ISSN 1413-6651

IMAGEM Detalhe de *Arte da pintura*, 1666, óleo sobre tela de Johannes Vermeer.

A POTÊNCIA DA IMAGINAÇÃO

Ravena Olinda Teixeira

Doutora, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

ravenaolinda@usp.br

RESUMO: Quando lemos as *Meditações Metafísicas* de Descartes percebemos que o filósofo parece não confiar na imaginação, porque ela obtém suas informações pelos sentidos do corpo e os sentidos por vezes são enganadores, produzindo percepções obscuras e confusas. Esse posicionamento de Descartes sobre a imaginação é compartilhado por vários filósofos modernos. A influência cartesiana na formação do pensamento espinosano é incontestável, por isso somos quase de imediato induzidos a procurar semelhanças e pontos em comum entre ambos. Todavia, é preciso ter cautela para identificar que apesar de estarem sob os mesmos limites conceituais, esses filósofos divergem em alguns pontos e às vezes até se opõem. O objetivo do nosso trabalho é apresentar o que Espinosa pensava sobre os limites da imaginação e, principalmente, sobre sua potência.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade. Descartes. Razão. Imaginação. Potência. Espinosa.

A filosofia moderna nasce pelo desejo de reinterpretar o mundo sem precisar recorrer aos textos sagrados. No longo duelo entre fé e razão, o conjunto de ideias que configuram o pensamento dos filósofos desse período, que chamamos de modernidade, tem a razão como ponto comum e de certa maneira central. Por isso, ela está ao lado das inúmeras descobertas científicas que caracterizam esse período da história.

Estabelecer que a razão é quem detém o conhecimento verdadeiro, de certa maneira, implica dizer que a imaginação é inútil para o conhecimento que os filósofos pretendem alcançar. A imaginação cria fábulas, poemas, músicas, quadros, comédias, tragédias, crenças, religiões etc., mas não alcança a verdade. Na maioria das vezes esse tipo de conhecimento é encarado com um obstáculo ou como algo que precisa ser driblado para que a verdade seja descoberta. Muitas vezes sendo até mesmo considerada como inimiga do conhecimento científico. É por conta disso que muitos dos filósofos não se cansam de explicar e de justificar o porquê de ser preciso “desconfiar” daquilo que aprendemos pelos nossos cinco sentidos, pois é por meio da imaginação que se tem as percepções das cores, dos sabores, dos sons etc.

Em uma de suas cartas, Descartes (DESCARTES, 2001, p. 97) consola a princesa Elizabeth dizendo que mesmo entre os acidentes mais tristes e as dores mais torturantes é possível estar sempre contente, contanto que se saiba usar a razão. Mas será que para Espinosa a razão tem esse poder?

Como bem aponta Filippo Mignini (MIGNINI, 1999, p. 40), a expressão *impotentia rationis* não é utilizada por Espinosa, por isso, não podemos falar sobre a impotência da razão, mas podemos analisar quais são os limites do conhecimento racional e qual a potência da imaginação na busca pela felicidade.

Tais limites aparecem de maneira mais explícita no *Breve Tratado* (2012). Esse texto está dividido em duas partes: na primeira o autor trata sobre “Deus e das coisas universais e infinitas”, e na segunda sobre as “coisas particulares e limitadas” (ESPINOSA, 2012, KV 2, prefácio, p. 89). A teoria do conhecimento espinosana, por assim dizer, aparece nos quatro primeiros capítulos da segunda parte.

No primeiro capítulo, o autor nos diz que nossos conceitos são a consciência de nós mesmos e das coisas que estão fora de nós. Tais conceitos podem ser adquiridos de três maneiras distintas: 1) por crença ou opinião (a partir da experiência ou do ouvir dizer); 2) por crença verdadeira; ou 3) por uma intelecção clara e distinta.

A opinião está sujeita ao erro e abrange coisas sobre as quais conjecturamos ou supomos; a crença é o conhecimento das coisas que apreendemos unicamente pela razão; e o último, chamado de conhecimento claro, é aquele que não se dá por convencimento da razão, mas por sentir e gozar a própria coisa, por isso “ele vai muito além dos demais” (ESPINOSA, 2012, KV 2, cap. II, p. 95).

O *Breve Tratado* nos antecipa a relação entre as maneiras de conhecer e os afetos, que posteriormente será bem explorada na *Ética* (2015). Cada maneira de conhecer produz afetos. Todas as paixões nascem da opinião, os bons desejos nascem da crença e o verdadeiro e sincero amor nasce do terceiro modo de conhecer, que é a intelecção.

Nesse texto os dois primeiros modos são chamados de crença, mas o primeiro não envolve necessariamente nem verdade nem certeza já que consiste em um conhecimento que se produz a partir do que Espinosa chama de “ouvir dizer” ou de uma experiência vaga. O segundo, por sua vez, não trata de conjecturas, mas de uma convicção racional,

que lidando com propriedades, produz um conhecimento verdadeiro e necessário.

Todavia, no *Breve Tratado* a razão enquanto crença verdadeira não tem poder para vencer as paixões. Espinosa explica:

[...] todas as coisas que experimentamos em nós mesmos têm mais poder sobre nós do que o que nos vem de fora, daí segue que a razão bem pode ser causa da destruição das opiniões que temos somente por ouvi dizer (e isso porque a razão não nos veio de fora), porém não das opiniões que temos por experiência (ESPINOSA, 2012, KV, cap. XXI, p. 138).

Nessa obra, as paixões podem ser produzidas ou por ouvir dizer ou por experiência vaga. Espinosa defende nesses textos que ainda que a razão supere aquilo que se sabe por ouvir dizer, ela não tem poder para vencer as opiniões (ou paixões) que surgem da experiência vaga. A razão produz um conhecimento que tem conformidade e que corresponde ao objeto exterior, mas é incapaz de produzir a interiorização do que a coisa verdadeiramente é, haja vista que o conhecimento racional não é capaz de unir o homem com a coisa que conhece. De maneira que a coisa continua sendo exterior.

Isto é, a razão pode ser mais forte do que uma paixão que surge pelo “ouvir dizer”, porque ambos são externos ao homem, mas a força dela não é suficiente para superar uma paixão que se origina a partir de uma experiência, mesmo sendo vaga. O que pode ser entendido a partir de uma única frase: De acordo com o *Breve Tratado*, a razão não produz experiência. Em uma nota, Espinosa reforça que “não podemos vencer com a razão as (paixões) que estão em nós por experiência [...] porque ainda que a razão nos indique o que é melhor, não nos faz gozá-los” (ESPINOSA, 2012, KV, cap. XXI, p. 138).

Com efeito, apesar de associar a razão (crença) aos bons desejos, o *Breve Tratado* nos diz que ela “não tem nenhum poder para nos conduzir ao nosso bem-estar” (ESPINOSA, 2012, KV II, cap. XXII, p. 140). No capítulo quatro, o autor ressalta que a razão:

nos mostra o que deve ser a coisa, porém não o que ela é verdadeiramente. Por isso jamais nos pode unir à coisa em que cremos. Digo, por conseguinte, que somente nos ensina o que deve ser a coisa, e não o que ela é, e há uma diferença muito grande entre os dois (ESPINOSA, 2012, KV II, cap. IV, p. 98).

Portanto, a razão nos faz conhecer as propriedades, mas não a essência e por isso não nos dá a coisa em si mesma, mas ela garante (ou abre caminho para) que seja possível chegar até ela:

a crença verdadeira é boa somente porque é o caminho que conduz ao conhecimento verdadeiro, levando-nos até as coisas que são realmente dignas de serem amadas; de maneira que o fim último que procuramos alcançar e o melhor que conhecemos é o conhecimento verdadeiro (ESPINOSA, 2012, KV 2, cap. IV, p. 100).

Por isso, embora esse conhecimento esclareça aos que dele usufruem sobre verdadeiro ou falso, bem e mal, ele não é senão “uma escada” que só é útil enquanto via para se chegar ao último modo de conhecer (ESPINOSA, 2012, KV II, cap. XXVI, p. 150).

Portanto, pelo *Breve Tratado*, a razão é a via que conduz o homem ao conhecimento intuitivo, porque é a partir do desejo e da alegria que surgem por conhecermos adequadamente as coisas que a mente humana é impulsionada a produzir suas ideias verdadeiras.

Ao escrever o *Tratado da Emenda do Intelecto* (2015), Espinosa pretendia descobrir um método seguro e eficaz que o fizesse chegar

à verdade. Segundo Marilena Chaui, o escopo do método espinosano nesse *Tratado* é duplo, pois além de buscar a distinção real entre a imaginação e o intelecto, também busca encontrar a ideia que é o fundamento da relação entre as ideias e as coisas (CHAUI, 2016, p. 18). Atentemos ao fato que Espinosa separa e afasta a imaginação da razão ao dizer que ela é algo distinto do intelecto e que é por conta dela que a mente padece.

Com efeito, emendar o intelecto é ser capaz de distinguir a ideia verdadeira das demais ideias: ideias fictícias, das ideias falsas e outras ideias que tenham sua origem na imaginação, isto é, “nas sensações fortuitas e (por assim dizer) soltas, que não se originam da própria potência da mente, mas de causas externas” (ESPINOSA, 2015, §84, p. 384). Nesse mesmo *Tratado*, Espinosa deixa claro que a mente no que diz respeito à imaginação, “tem apenas a razão de paciente” (ESPINOSA, 2015, p. 384, §85). Por isso, “pelo recurso do intelecto, nos libertamos dela [imaginação]” (ESPINOSA, 2015b, §84, p. 384).

Ao examinar os quatro modos pelos quais os homens percebem as coisas, o filósofo conclui que o primeiro modo (ouvir dizer ou opinião) há de ser excluído das ciências, porque produz um conhecimento incerto. Da mesma maneira que o segundo modo (experiência vaga) também é inapto à ciência, pois além de ser incerto, se limita a perceber somente os acidentes, os quais nunca são inteligidos.

Até aqui vemos que Espinosa parece seguir os passos de Descartes e tratar a imaginação como um conhecimento que produz apenas erros e que precisa ser deixada de lado por quem está buscando alcançar a verdade.

Entretanto, se no *Breve Tratado* os modos de conhecer aparecem hierarquizados e no *Tratado da Emenda* eles são examinados com o obje-

tivo de encontrar qual dentre eles deve ser usado para alcançar a perfeição suprema, a *Ética* ultrapassa essas propostas e retoma os processos cognitivos de uma maneira mais detalhada e depurada, concluindo a exposição da teoria do conhecimento espinosana¹.

Na *Ética*, aprendemos que a mente não é nada outro a não ser um conjunto de ideias que produzem a consciência do corpo e a consciência de si mesma.

A consciência do corpo se dá por ideias produzidas a partir das imagens. Chauí explica:

Por nascer do sistema das afecções corporais, a imagem é instantânea e momentânea, volátil, fugaz e dispersa, não oferecendo a duração contínua da vida do próprio corpo, mas instantes fragmentados dela. Nascida de encontros corporais na ordem comum da Natureza, a imagem constitui o campo da experiência vivida como relação imediata com o mundo (CHAUI, 2016, p. 80).

É na imagem que está a origem da imaginação. Imaginar é pensar a partir de imagens. O escólio da proposição 17 diz que imagens são as afecções do Corpo humano cujas ideias representam os Corpos externos como presentes, mesmo que elas não reproduzam as figuras das coisas e que a mente imagina quando contempla os corpos desta maneira:

1 Luis Machado de Abreu interpreta que “ a discursividade, de que o movimento interior à *Ética*, com a substância única e a ‘*causa sui*’ na origem de tudo, e o ‘*amor intellectualis Dei*’ como regresso e entrega final é a realização filosófica, funciona como síntese do que, no KV e no TIE, existia em separado”. (ABREU, 1993, p. 140).

Se o Corpo humano é afetado de uma maneira que envolve a natureza de um Corpo externo, a Mente humana contemplará esse mesmo corpo externo como existente em ato ou como presente a si até o Corpo ser afetado por uma afecção que exclua a existência ou a presença daquele mesmo corpo (ESPINOSA, 2015, EII P17, p. 165).

Em outras palavras, essa proposição apresenta a permanência de uma ideia que surge a partir de uma afecção do corpo. Esse tipo de ideia envolve tanto a natureza do corpo afetante quanto a natureza do corpo afetado. E essa ideia, que faz referência ao corpo afetado, vai perdurar enquanto não houver outra afecção que exclua a existência ou a presença desse corpo.

Dessa maneira, Espinosa condiciona uma ação da mente (o contemplar um corpo externo como presente) ao fato de o corpo humano ser afetado por outro: a mente contemplará um corpo externo como presente quando o seu corpo for afetado por ele. O corolário dessa proposição nos mostra uma potência da mente ao dizer que apesar da ausência, a mente humana pode considerar como presente um corpo exterior que afetou o seu corpo. O contemplar da mente é, na verdade, formar uma ideia que envolve a natureza do corpo externo.

Em resumo, quando o corpo humano é afetado (partes fluidas se chocando contra partes moles), a mente forma uma ideia que envolve a natureza do corpo externo e retém essa ideia, fazendo, com isso, que o corpo externo seja um corpo existente em ato ou presente. “Por isso, ainda que os corpos externos pelos quais o Corpo humano foi uma vez afetado não existam, a Mente, entretanto os contemplará como presentes todas as vezes que esta ação do corpo se repetir” (ESPINOSA, 2015, EII P17, p. 167).

O escólio, como de costume, ilustra a explicação dada na demonstração: a mente imagina sempre que contempla os corpos externos como se eles estivessem presentes (ESPINOSA, 2015, EII P17, p. 167-169), ou sempre que contempla os corpos externos por meio das ideias das afecções do seu próprio corpo. Dessa maneira, a imaginação é um tipo de conhecimento que tem o próprio corpo e as afecções dele como principal referência². Por isso, Espinosa adverte no final do Escólio que muitas vezes a mente humana pode considerar como presentes coisas que não existem.

Por exemplo, Pedro tem uma ideia de si mesmo quando pensa, isto é, uma ideia que envolve a sua natureza e que constitui a “essência da mente” de Pedro, mas há uma distinção entre a ideia que Pedro tem de si mesmo da ideia que Paulo tem dele. A primeira, ideia do corpo de Pedro que constitui a essência da sua mente, deixará de existir juntamente com ele, mas a segunda ideia envolve mais a natureza de Paulo do que a de Pedro e pode continuar existindo em Paulo ainda que Pedro morra.

Por isso, quando Pedro nos fala sobre Paulo, fala mais de si mesmo do que da própria natureza de Paulo. Dessa maneira, entendemos que esse modo de percepção chamado aqui na *Ética* de imaginação não é uma mera reprodução da coisa percebida, mas uma maneira de perceber

2 Sobre a imaginação, Chauí comenta que “esse campo é o das imagens, produzidas no corpo pela ação dos objetos exteriores sobre os órgãos dos sentidos, os nervos, o sangue e o cérebro. A imaginação (sensação, percepção, memória, fantasia e linguagem) é o lugar enigmático onde transcorrem a passividade (do corpo e da alma, receptores da ação externa) e a atividade (do corpo e da alma, fabricantes das imagens internas)” (CHAUI, 2011, p. 50).

o corpo externo a partir/sob a perspectiva das modificações que esse corpo causou no próprio corpo afetado.

Nesse processo, em vez de compreender, a mente fabrica cadeias imaginárias misturando, de uma maneira confusa, as imagens das afecções do corpo. Na proposição 35 (ESPINOSA, 2015, EII P35, p. 189-191) temos as palavras falsidade e inadequada como sinônimos dessas ideias mutiladas e confusas. Nessa proposição, Espinosa explica que a falsidade é a privação de conhecimento que as ideias confusas envolvem.

Para ilustrar, ele oferece dois exemplos: o primeiro se refere ao fato de os homens se considerarem livres quando, na verdade, só se consideram dessa forma porque são cômicos de suas ações, mas ignorantes das causas que os determinam a agir desta ou daquela maneira; o segundo exemplo refere-se à imagem do sol que, quando vista pelos homens a olho nu, parece estar a uma distância de duzentos pés.

Espinosa tem o cuidado de deixar claro que o erro não consiste em imaginar que o sol está a duzentos pés de distância, mas no fato de ignorar a verdadeira distância e a causa dessa imaginação. Já que, ele insiste, mesmo depois de saber que o sol dista de nós mais de 600 diâmetros da Terra, a imaginação continuará fazendo com que ele seja visto, a olho nu, como se distasse apenas duzentos pés. Então, quando os homens, mesmo sabendo da verdadeira distância, continuam vendo o sol como se ele estivesse próximo, o fazem não por ser um erro, mas por ser uma afecção do corpo que envolve a natureza do sol enquanto o corpo é afetado por ele. Isso mostra que as ideias da imaginação não são e devem ser totalmente descartadas, pois “a ideia imaginativa é o esforço da mente para associar, diferenciar, generalizar e relacionar abstrações ou fragmentos, criando conexões entre imagens para com elas orientar-se no mundo” (CHAUI, 2011, p. 81).

Além disso, na proposição 36 (ESPINOSA, 2015, EII P36, p. 191-193), ele sustenta que as ideias inadequadas e confusas (tais como a ideia de liberdade e a ideia de que o sol dista duzentos pés) se sucedem com a mesma necessidade que as ideias adequadas e verdadeiras. A imaginação só conduz ao erro quando o homem julga as coisas segundo essas ideias inadequadas e confusas. Isto é, quando toma por completa uma verdade que é em si mesma parcial e incompleta e que é percebida apenas enquanto uma parte descontextualizada do todo.

Portanto, a *Ética* nos ensina que os homens não erram por imaginar, mas por confundirem a imaginação com o intelecto e por usarem os modos do imaginar para explicar as coisas, não enxergando as coisas como são, mas apenas como as imaginam. Por isso, é preciso distinguir imagens de ideias, porque as ideias não são imagens que “se formam no fundo do olho e se quiseres no meio do cérebro” (ESPINOSA, 2015, p. 217, EII P48). A ideia é um conceito da mente.

Com isso, nós consideramos que Espinosa, muito além de Descartes, defende explicitamente a potência da imaginação e valida, dentro dos seus limites, o saber imaginário. Nesse sentido, Espinosa navega na contracorrente de seu tempo, dando importância e legitimidade à imaginação. Os exemplos disso estão principalmente nos textos de cunho político: *Tratado Teológico Político* e no *Tratado Político*³.

Entretanto, Espinosa adverte que é necessário conhecer a maneira como a imaginação opera e quais são seus limites, para não confundir as ideias imaginativas com o intelecto ou com as coisas em si mesmas.

3 O *Tratado Teológico Político* e o *Tratado Político* demonstram que a filosofia de Espinosa considera que a política seja por excelência o lugar da potência da imaginação, mas esse tema não será abordado em nosso texto.

Ao explicar como surgem as outras noções universais, ele diz que o corpo humano é limitado e que só consegue formar em si distintamente e simultaneamente um certo número de imagens. Quando essas imagens excedem a capacidade do corpo, “a força de imaginar é superada, não inteiramente, mas a tal ponto que a Mente não pode imaginar as pequenas diferenças dos singulares (a cor, o tamanho etc. de cada um), nem o número determinado deles [...]” (ESPINOSA, 2015, EII P40, p. 199). Isso significa que apesar de ser singular, a imaginação carrega consigo certa tendência à “universalidade”: ela mistura percepções ou imagens singulares numa única imagem confusa, em que os elementos singulares da percepção se perdem.

Nesse sentido, Espinosa está fazendo três afirmações: 1) a mente pode conhecer as propriedades universais das coisas; 2) a imaginação não é capaz de conhecer essas propriedades e por isso ela cria abstratos universais e inadequados e 3) a causa dessa inadequação é que a força de imaginar é superada pela multiplicidade de existências singulares e, por consequência, a imaginação acaba confundindo as afecções.

No final do Escólio da proposição 17, Espinosa diz que:

[...] a Mente não erra pelo fato de imaginar, mas erra somente enquanto se considera que ela carece da ideia que exclui a existência das coisas que imagina presentes a si. Pois se a Mente, enquanto imagina coisas não existentes como presentes a si, simultaneamente soubesse que tais coisas não existem verdadeiramente, decerto atribuiria esta potência de imaginar à virtude de sua natureza, e não ao vício; sobretudo se esta faculdade de imaginar dependesse de sua só natureza, isto é (pela def. 7 da parte I), se esta faculdade de imaginar da mente fosse livre. (ESPINOSA, 2015, EII P17, p. 169).

Nesse texto ele abre a possibilidade de pensar que a imaginação seria livre se dependesse exclusivamente de sua natureza. Isso nos faz perguntar: a imaginação é livre quando a mente sabe que imagina? A imaginação participa da liberdade ou a mente é sempre passiva quando imagina?

Sobre a relação entre a imaginação e a passividade, na terceira parte da *Ética*, da proposição 12 até a proposição 35, Espinosa se dedica a explicar como a imaginação tem um papel importante na construção dos nossos afetos. Ele escreve sobre a relação entre o conhecimento imaginativo e os afetos de alegria, tristeza, amor e ódio que são produzidos a partir dele. Por exemplo: “Quem imagina que aquilo a que ama é destruído, se entristecerá; porém se alegrará se imagina que aquilo é conservado” (ESPINOSA, 2015, EIII P19, p. 269). Em resumo, ele afirma que a mente humana se esforça para afirmar aquilo que traz alegria e evitar aquilo que, ao contrário, causa tristeza. Mas a alegria e a tristeza, nessas proposições, que surgem de ideias imaginativas, são paixões porque nesse tipo de conhecimento a mente é externamente determinada e não é causa de suas ideias.

Mas o que Espinosa diz, em todas essas proposições, é que a mente, mesmo quando imagina, ou seja, mesmo quando tem ideias inadequadas, sempre se esforça para se alegrar e para perseverar no seu ser. Portanto, embora a imaginação seja sempre um padecimento, por ser um conhecimento parcial, ela nem sempre produz apenas impotência e tristeza.

E, como veremos agora, ela também participa da nossa liberdade afetiva, porque se a segunda parte da *Ética* nos diz que “a ordem e conexão das ideias é a mesma que a ordem e conexão das coisas” (ESPINOSA,

2015, EII P7, p. 135) e que a imaginação e a memória registram suas ideias na mente “segundo a ordem e a concatenação das afecções do Corpo humano” (ESPINOSA, 2015, EII P18, p. 171), a primeira proposição da última parte nos diz que o inverso também pode acontecer: “Conforme os pensamentos e as ideias das coisas são ordenados e concatenados na Mente, assim também, à risca, as afecções do corpo ou imagens das coisas são ordenadas e concatenadas no Corpo” (ESPINOSA, EV P1, 2015, p. 525).

Esse texto nos diz que podemos refazer essa ligação e unir a causa externa a outra ideia que não seja baseada na afecção do nosso corpo. Dessa maneira, a ideia deixará de ser confusa porque não envolverá duas ou mais naturezas, tal como as ideias da imaginação. Essa nova ideia será ou da causa e das propriedades (ideias da razão) ou da essência da coisa em si mesma (intuição). Ao fazer isso, nossa mente forma uma ideia clara e distinta, que se distinguirá do afeto anterior, e por isso deixará de ser uma paixão. Ou seja, é preciso alterar a perspectiva, mudar a maneira como a mente humana percebe as coisas externas, porque só depois de ter novas ideias é que se pode ter novos afetos.

Chauí nos explica que quando ligamos um afeto a outro pensamento, agimos, passamos de uma causa externa para uma causa interna:

Trata-se, portanto, de mudar a conexão: em lugar de conectar o afeto de amor e ódio à ideia da causa externa, a mente pode conectá-los à ideia de uma causa interna. [...] Visto que a dependência do afeto com relação à ideia da causa externa é o que o determina como paixão (CHAUI, 2016, p. 541-542).

No entanto, alcançar esse poder de conhecer os afetos e reordená-los na mesma ordem do intelecto não é tarefa tão simples. Por isso Espinosa apresenta uma alternativa para refrear os afetos nocivos.

[...] o melhor que podemos fazer enquanto não temos o conhecimento perfeito de nossos afetos é conceber uma reta regra de viver ou certos dogmas de vida, confiá-los à memória e aplicá-los continuamente às coisas particulares que frequentemente se apresentam na vida, *para que assim nossa imaginação seja largamente afetada por eles* e eles nos estejam sempre à mão. P. ex.: pusemos entre os dogmas de vida (ver prop. 46 da parte IV com seu esc.) vencer o Ódio com Amor ou Generosidade, e não compensá-lo com Ódio recíproco. (ESPINOSA, 2015, EV PIO, p. 537, grifos nossos).

Esse texto parece indicar uma utilidade da imaginação, pois de acordo com essa segunda alternativa, que não consiste apenas em ordenar os afetos segundo a ordem do intelecto, mas em estabelecer regras e aplicá-las continuamente para que a imaginação seja afetada por elas, percebemos que a imaginação parece auxiliar a encontrar o caminho que conduz o homem à liberdade.

Além disso, a última parte da *Ética* trata de como as imagens participam do processo pelo qual o homem torna-se cada vez mais livre. Como aponta Sévérac:

Em vez de opor frontalmente imaginação e razão, afetos passionais e desejos racionais, *Spinoza propõe outro uso do conhecimento imaginativo*, pelo qual, os conhecimentos racionais são vivificados, *inscritos na memória*, a fim de, ou bem destruir as paixões nocivas, ou bem viver de outra maneira, mais ativamente, as paixões que convêm com a razão (SÉVÉRAC, 2009, p. 33, grifos nossos).

Segundo Sévérac, Espinosa faz uma reforma da imaginação, com as proposições 5 à 9, mostrando que ela é auxiliar da razão na conquista pela liberdade, pois o homem que se torna livre não deixa de imaginar nem de formar imagens, mas torna-se capaz de reorganizá-las, reordená-las e concatená-las adequadamente (SÉVÉRAC, 2006, p. 153-170).

Nesse sentido, o comentador conclui que o conhecimento racional terá o auxílio do conhecimento imaginativo para “moderar, destruir ou até transformar do interior os afetos passionais” (SÉVÉRAC, 2009, p. 36). Vejamos:

A proposição II afirma que “quanto mais uma imagem é referida a muitas coisas, tanto mais ela é frequente ou mais frequente se aviva, e tanto mais ocupa a Mente” (ESPINOSA, 2015, p. 541, EV P11). Isso significa que, quanto mais uma imagem estiver ligada a muitas coisas, tanto mais causas serão dadas para que seja excitada. A mente contemplará todas essas coisas simultaneamente com o afeto e por isso esse afeto será mais vívido e ocupará mais a mente.

Na proposição I2, por sua vez, lemos que “as imagens das coisas são unidas *mais facilmente* às imagens que se referem às coisas que entendemos clara e distintamente do que às outras” (ESPINOSA, 2015, EV P12, p. 541). A proposição anterior nos disse que as imagens se ligam a muitas coisas, essa proposição nos diz que ela se liga mais facilmente a ideias adequadas e, por conseguinte, verdadeiras.

A proposição I3 reforça que quanto mais uma imagem for unida a muitas outras, mais causas ela terá. O que nos faz lembrar os afetos que Espinosa chama de excitados à *pluribus causis simul* e que, por estarem ligado a muitas causas, são mais fortes e menos nocivos (ESPINOSA, 2015, EV P8 e p9, p. 535).

Nós consideramos que ao dizer que a mente humana pode fazer com que *todas as afecções do corpo* ou *imagens das coisas* sejam referidas à ideia de Deus⁴ (ESPINOSA, 2015, EV P14, p. 543), a proposição I4 separa

4 Espinosa, B., EVP14.

Espinosa dos demais racionalistas radicais que desprezam o conhecimento imaginativo, pois revela que as imagens podem ser adequadas, ou melhor, que a imaginação pode ser internamente disposta, isto é, reordenada⁵. Como podemos notar ao ler Espinosa sugerindo como podemos superar o medo:

Do mesmo modo, cumpre pensar na Firmeza para que se derrube o Medo; a saber, *cumprir enumerar e imaginar frequentemente* os perigos comuns da vida e a maneira como podem ser otimamente evitados e superados pela presença de espírito e pela fortaleza. É de notar, porém, que *ao ordenar nossos pensamentos e imagens*, cumpre-nos sempre prestar atenção (pelo corol. da prop. 63 da parte IV e prop. 59 da parte III) àquilo que é bom em cada coisa, para que assim sejamos determinados a agir sempre pelo afeto de Alegria. (ESPINOSA, 2015, EV PIO, p. 539, grifos nossos).

Lembremos que pelo *Tratado da Emenda do Intelecto*, o conhecimento verdadeiro das coisas precisa partir de uma ideia verdadeira e essa ideia é a própria ideia de Deus. Isso significa que, se a mente humana pode fazer com que as imagens das coisas (ideias do primeiro gênero) possam estar referidas à ideia de Deus, é porque de alguma maneira ela pode ser ativa.

Por isso, a nosso ver, a proposição 14 é chave mestra para mostrar que Espinosa considera que a imaginação pode, sob certo aspecto, ser dita livre ou ativa. A emenda do intelecto proposta por Espinosa não consiste em abandonar a imaginação para conhecer todas as coisas

5 Essa potência da imaginação em Espinosa não recebeu tanta atenção quanto deveria porque a maioria dos comentadores de Espinosa concorda que “toda nossa atenção deve ser direcionada para os dois últimos gêneros, que a *Ética* chama de Razão e de Ciência Intuitiva”. (DARBON, 1946, p. 88).

apenas pelo segundo e pelo terceiro gêneros de conhecimento, porque isso nem seria possível. Até porque as ideias inadequadas são em si inteiramente positivas. Não há nada nelas pelo qual alguém possa dizer que sejam falsas. Elas expressam parcialmente as coisas que elas representam. São, portanto, uma parte do conhecimento.

Da mesma maneira, é preciso ressaltar que a afecção corporal e a ideia do afeto são duas coisas indissociáveis, mas a imagem é diferente da ideia da imagem. Por isso, é possível reassociar qualquer imagem a outra ideia que não seja confusa nem inadequada. E essa nova ideia produzirá uma nova afecção corporal, e, por conseguinte, um novo afeto.

O que também implicará em uma nova relação entre as ideias, ou seja, entre os gêneros de conhecimento, tal como destaca Sévérac:

Nosso conhecimento concreto do que é verdadeiramente bom ou mau é um conhecimento racional mesclado de imaginário: os desejos que daí nascem são menos potentes que os desejos que dependem só da imaginação dos prazeres presentes. Uma grande parte da empresa espinozista consistirá, dado isso, em reformar o imaginário passional, em simultâneo racionalizando esse imaginário e imaginando o racional (SÉVÉRAC, 2009, p. 33).

Vale ressaltar que Espinosa não compreende os gêneros de conhecimento como fases ou estágios do desenvolvimento cognitivo humano. O filósofo não compreende que os homens sejam primeiro imaginativos, depois racionais e por último intuitivos, mas que todos os homens são imaginativos, racionais e intuitivos. Embora seja verdade que eles são naturalmente e com frequência mais imaginativos, porque conhecem a maioria das coisas por meio das afecções do próprio corpo.

No entanto, não há ruptura entre os gêneros de conhecimen-

to, mas uma relação entre eles. Os três são simultâneos, de modo que o conhecimento racional é o que permite que os homens passem de uma percepção sobre como seus corpos foram afetados por um objeto para o conhecimento da essência das coisas em si mesmas. Por exemplo: Quando conhecemos algo, temos a imagem e a ideia inadequada acompanhada do afeto que essa coisa externa proporcionou no nosso corpo e, ao mesmo tempo, também podemos conhecer sua causa e suas propriedades e quiçá sua essência. Esse é o conhecimento perfeito para Espinosa, ou seja: completo.

A mente humana opera de maneira tal que os três gêneros de conhecimento se relacionam e se complementam. Não há mente se não há uma ideia do corpo. Isto é, sem as ideias que surgem a partir do corpo e que o fazem ter consciência de si. Da mesma maneira que não há noções comuns senão pela experiência do corpo ao ser afetado por outro corpo com quem ele tem (ou passa a ter) algo em comum. Essa comunhão entre os corpos é o que possibilita que a mente possa formar as noções comuns, a partir das quais surge o conhecimento racional. E, por fim, conhecer as propriedades e as causas produz o que chamamos de desejo racional, afeto que, por sua vez, conduz a mente humana ao desejo de conhecer, além da imagem e da causa, a própria essência da coisa conhecida. Isso demonstra que o conhecimento produzido pelos gêneros de conhecimento não são ideias separadas, isoladas ou fragmentadas.

Emendar o intelecto é, portanto, conhecer a potência e os limites de cada gênero do conhecimento, para ter uma mente que conhece e pensa da maneira mais adequada possível. Por imagens (imaginação), pelas causas (razão) e pela essência das coisas (intuição).

Por fim, entendemos que quando Espinosa escreve que a suma potência da mente é ter ideias do terceiro gênero é porque ele entende que os três gêneros se completam e que embora seja possível imaginar ou racionalizar algo sem intuir a essência da coisa, é impossível chegar ao conhecimento dessa mesma coisa sem que a mente tenha tido anteriormente ideias produzidas a partir das imagens do seu corpo e ideias acerca das causas dessa coisa. Com efeito, conhecer intuitivamente é necessariamente poder conhecer as coisas pelos três gêneros, isto é, conhecer todas as coisas e a si mesmo por meio dos afetos, das causas e das essências. Dessa maneira, a mente humana é capaz de perceber, a partir da perspectiva da eternidade, que está unida à natureza inteira. E “somente nessa união consiste a nossa felicidade” (ESPINOSA, 2012, p. 140).

Por isso, concluímos que a imaginação pode ser auxiliar da razão e cumprir inclusive um papel importante no caminho que leva à liberdade porque a mente pode fazer dela (ou das imagens) uma ideia adequada, referindo-a à ideia de Deus, isto é, ao intelecto infinito e transformar a sua impotência em *potentia imaginandi*. No entanto, vale ressaltar que isso não significa dizer que a imaginação é *em si mesma* livre e ativa, porque ela não depende só de sua natureza. Mas nós, na medida em que somos livres e ativos, ao reassociar uma imagem a uma ideia adequada, fazemos dela uma potência para a liberdade.

THE POWER OF IMAGINATION

ABSTRACT: When we read Descartes' *Metaphysical Meditations* we realize that the philosopher seems not to trust the imagination, because it obtains its information from the senses of the body and the senses are sometimes misleading, resulting in obscure and confusing perceptions. This position of Descartes on the imagination is shared by several modern philosophers. The Cartesian influence in the shaping of Spinozian thought is incontestable, therefore we are almost immediately induced to look for similarities and common points between both. However, one must be careful to identify that despite being under the same conceptual limits, these philosophers differ in some points and sometimes even oppose each other. The objective of our work is to present what Spinoza thought about the limits of the imagination and, mainly, about its power.

KEYWORDS: Modernity; Descartes; Reason; Imagination; Potency; Spinoza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, L. (1993). *Spinoza – A utopia da razão*. Lisboa: VEGA.
- CHAUI, M. (2011). *Desejo, paixão e ação na Ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2016). *A Nervura do Real. vol.2*. São Paulo: Companhia das Letras.
- DARBON, A. (1946). *Études spinozistes*. Paris: PUF.
- DESCARTES, R. (2001). *Medicina dos afetos – Correspondência entre Descartes e a princesa Elisabeth da Boémia*. Oeiras: Celta Editora.
- ESPINOSA, B. (2012). *Breve Tratado*. Belo Horizonte: Autêntica.

- _____. (2015). *Ética*. São Paulo: EDUSP.
- _____. (2015b). *Tratado da Emenda do Intelecto*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- MIGNINI, F. (1999). “Impuissance humaine et puissance de la raison” , In: *Spinoza puissance et impuissance de la raison*. Paris: PUF.
- SÉVÉRAC, P. (2006). *Éthique v*. In: *Lectures de Spinoza*. Paris: Ellipses.
- _____. (2009). Conhecimento e afetividade em Spinoza. In: *O mais potente dos afetos Spinoza e Nietzsche*, São Paulo: Martins Fontes.